

ÉTICA, CULTURA E CRISE ÉTICA DE NOSSOS DIAS

ETHICS, CULTURE AND CONTEMPORARY ETHICS CRISIS

Zeferino Rocha ¹
UNICAP

Resumo: O objetivo do presente ensaio é mostrar que sem levar em consideração as exigências éticas fundamentais do agir humano, que são co-extensivas à Cultura, a transformação social contemporânea, por mais promissora que possa parecer, graças às extraordinárias conquistas da Ciência e da Técnica, não conseguirá assegurar o bem estar individual e social da comunidade humana nem evitará as desastrosas conseqüências de uma crise ética que nos condenará a uma forma de individualismo inteiramente alheio às necessidades dos mais infelizes

Palavras-chave: Éthos, Ética, Cultura, Crise ética, Violência.

Abstract: The objective of this essay is to show that without taking in account the fundamental ethical exigencies about human acting, that are co-extensive to the Culture, the contemporary social transformation, for more promising that it can be, due to extraordinary conquests from Science and Techniques, it will not make sure the individual and social welfare of the human community, nor will avoid the disastrous consequences of a ethical crisis what will condemn us to a form of individualism entirely strange to the needs from the unhappiest people.

Keywords: Éthos, Ethics, Culture, Ethics crisis, Violence.

¹ Mestre em Filosofia e Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (Itália); Doutor em Psicologia pela Universidade de Paris X (Nanterre-França); Professor titular aposentado do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco; professor no Mestrado em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco; membro do Comitê de Ética em Pesquisa da UNICAP e membro fundador e honorário do Círculo Psicanalítico de Pernambuco. Endereço: Rua Conselheiro Portela, 139/502. Espinheiro – CEP 52020-030. Recife, PE. Telefone: (81) 32447647. Endereço eletrônico: zephyrinus@globo.com

INTRODUÇÃO

*“Se não se espera,
não se encontra o inesperado”.*

Heráclito de Éfeso

É meu objetivo, neste ensaio, tentar mostrar como, sem as exigências éticas que estão na base do agir humano, a cultura, qualquer que seja a época em que ela se manifeste no desenrolar da História, naufraga sempre no mar da violência, ou perde-se na noite do barbarismo. Ou dizendo com outras palavras, sem levar em consideração as exigências éticas fundamentais do agir humano, que são co-extensivas ao trabalho da cultura humana, a transformação da vida social, por mais promissora que se apresente graças às extraordinárias conquistas da Ciência e da Técnica, não conseguirá garantir o bem estar da comunidade humana, nem impedir a onda de violência, que ameaça tornar inabitável o mundo em que vivemos.

Este o objetivo do presente ensaio. Para atingi-lo, e, ao mesmo tempo, proceder de um modo que facilite a compreensão do que vou apresentar, dividirei a exposição em duas partes: na primeira, mostrarei como o conceito de Ética, derivado da palavra grega *éthos*, é co-extensivo à noção de Cultura, de tal modo que, sem a dimensão ética, nenhuma cultura humana subsiste. Na segunda, mostrarei como, por causa do niilismo resultante da “desconstrução” dos princípios metafísicos, nos quais a razão clássica fundamentou a visão ética do homem ocidental, a vida social brasileira vem sendo abalada por uma crise ética, cujas proporções e conseqüências nos deixam perplexos e angustiados, relegando-nos a um verdadeiro desamparo racional, diante do cinismo de uma *razão técnica e instrumental* que só reconhece a “ética” do consumo e do lucro, condenando-nos ao mais impiedoso individualismo, alheio às necessidades dos outros, principalmente dos mais carentes e infelizes.

Finalmente, à guisa de uma conclusão, vou tentar mostrar como a atual crise ética que tanto nos angustia, em vez de ser vista como uma crise de desespero, que anuncia uma noite sem amanhecer, pode e deve ser olhada como *um momento histórico de desafio e de esperança*, mesmo que esta esperança tenha que ser sustentada na perseverança de uma luta, que, provavelmente deverá ser travada contra a própria esperança. Daí o sentido das belas palavras de Heráclito de Éfeso que escolhi como epígrafe do ensaio: “*Se não se espera, não se encontra o inesperado...*”² Definidos, assim, o objetivo e o roteiro, passo a desenvolver a primeira parte, na qual direi o que entendo por ética e de que modo ética e cultura humana são termos co-extensivos, de tal modo que é impossível pensar uma ética sem cultura ou uma cultura sem ética.

PRIMEIRA PARTE : ÉTHOS, ÉTICA E CULTURA

Na Grécia Antiga, muito antes de Aristóteles estruturar filosoficamente a Ética como uma verdadeira “Ciência do *éthos*”, havia uma ética tradicional, narrada e divulgada nos versos épicos de Homero, o educador da Grécia. Esses poemas enalteciam o heroísmo de Aquiles, a sabedoria de Nestor, a coragem e a audácia de Ulisses, a fidelidade de Penélope e deles faziam verdadeiros modelos paradigmáticos de conduta ética, que o povo grego procurava imitar.

O mesmo poder-se-ia dizer das lições de vida e de sabedoria que emanavam das máximas dos Sete Sábios da Grécia, dentre as quais eu destacaria aquela que afirma: “*ótima é a medida*”, e as que exortam: “*não desejes o impossível*” e “*não enriqueças de modo desonesto*”. Estas máximas éticas fazem parte do patrimônio da sabedoria tradicional do povo helênico. Depois, elas foram transformadas em uma verdadeira ciência da ética, quando foram articuladas aos princípios metafísicos, nos quais encontraram o segredo da validade de suas exortações. Mas, vejamos primeiro o que os gregos entendiam pelo termo *éthos*, pois é nele que a palavra Ética tem sua raiz etimológica.

² Heráclito de Éfeso, *Fragmento* .nº 18, apud H. Diels, (1957), p.25

Etimologia e semântica do éthos

Etimologicamente, a palavra grega “*éthos*” tem uma polissemia muito significativa. Quando escrito com a letra “*ε*” (*épsilon*), ela significa “costume”, vale dizer, aquela “disposição interior”, que leva o indivíduo, com uma certa constância do agir, a compartilhar da comunidade social a que pertence.

Porque desprovido da necessidade e do determinismo natural que regem o mundo da *Physis*, vale dizer, o mundo da Natureza e garantem a sua ordem, o ser humano precisa de uma certa “constância no agir” para conseguir um estilo de vida harmonioso com seus companheiros de existência e para não se perder nos labirintos criados pela sua própria liberdade. Esta “constância no agir”, significada pelo *ethos-costume*, justificava, para os gregos, a analogia entre a ordem cósmica do universo e a ordem ética do agir humano.

Uma forma mais acabada deste *éthos-costume* é aquela expressa pelo “*hábito*”, que os gregos designavam com a palavra “*héxis*” e que traduzia a maneira regular e constante de agir, que só era capaz de possuir, aquele que tinha um certo domínio de si e de seus atos. Olhado, desse modo, o *éthos*, seja na dimensão do “costume”, seja na dimensão do “hábito”, cria um espaço para a realização individual e social do ser humano.³ Na constância do costume, as ações, na medida em que são repetidas, formam os hábitos, e, desse modo, orientam o ser humano para a conquista dos bens e dos valores, com os quais pode dar sentido à sua vida..

O conceito grego de virtude (ἀρετή)

Na Grécia Antiga, o conceito de virtude (*areté*) tinha um valor todo especial. Primeiramente, o homem virtuoso era um homem “*kósmios*”, vale dizer, um homem sintonizado com a harmonia da ordem cósmica. O seu oposto era o homem “*hybristhos*”, isto é, o homem transgressor da medida e escravo da desmedida, em total oposição à noção de medida (*métron*), na qual Aristóteles via a essência da

³ Cf. Henrique de Lima Vaz (1988).

virtude. Dizendo que a virtude era sempre o meio termo entre dois excessos, Aristóteles não estava fazendo a apologia da mediocridade, mas o elogio do equilíbrio capaz de harmonizar, no seu modo de agir, as tendências contrárias e contraditórias da natureza humana. Assim sendo, o homem corajoso é aquele que consegue equilibrar, em uma conduta sensata e virtuosa, a pusilanimidade do medroso e a audácia do imprudente. O homem verdadeiramente corajoso é aquele que, apesar de sentir medo, não deixa de enfrentar o perigo, não de qualquer modo, mas de um modo sensato e racional. Este o segredo e esta a grandeza daquilo que os gregos chamavam a virtude da coragem.

Para eles, pois, a virtude revelava a excelência no modo de ser e de agir dos homens. Virtuoso era o homem que fazia, de modo excelente, o que precisava ser feito, fosse ele o general planejando suas batalhas, ou o simples e humilde sapateiro fabricando seus sapatos.

Dando uma certa constância ao agir, o *éthos-costume*, aperfeiçoado pelo *hábito*, proporciona ao homem, desprovido de um modo de agir pré-determinado pela natureza, a condição de se tornar “responsável” pelos seus atos e o introduz, assim, no mundo da liberdade e da responsabilidade.

O éthos-morada

Mas o termo *ethos*, quando escrito com a letra “η” (*eta*), tem também um outro sentido igualmente muito significativo. Ele quer dizer “morada”. Para não se perder no ilimitado do espaço que o circunda e envolve, o ser humano precisa construir uma morada, na qual possa proteger-se tanto contra as intempéries da natureza, quanto contra as ameaças e hostilidades do meio ambiente e dos outros homens com os quais partilha a aventura do existir.

Construir uma morada torna-se, assim, para o ser humano, uma sugestiva metáfora da tarefa existencial que o define e constitui como um *ser-no-mundo*. Com efeito, a vida não lhe foi dada realizada ou feita, mas, sim, como uma tarefa a ser feita, ou como uma missão a ser realizada e cumprida. Se o ser humano, na sua essência,

ou seja naquilo que define a sua natureza, recebeu a dádiva da sua natureza humana, sem que dela tivesse podido fazer uma verdadeira escolha; a existência, ou seja, a história de sua vida é de sua inteira responsabilidade. Cada um de nós será aquilo que fizer de sua existência e a história de nossas vidas será aquela que cada um de nós escrever na trajetória de sua existência.

Já se disse que o animal, quando entra no mundo, não precisa construir uma casa, porque “sua casa é o Cosmos”.⁴ Seu aparato instintivo participa da lei universal que rege o maravilhoso poema do acontecer cósmico, o qual se manifesta no balé dos astros e na dança do tempo que rege a sucessão dos dias e das noites, bem como a mudança dos cenários, nos quais é representado o espetáculo das estações do ano, vale dizer, a beleza da primavera com suas flores, a do verão com a claridade transparente de seus dias, a tristeza do cair das folhas mortas que se desprendem das árvores, e, finalmente, o inverno com o silêncio limpo de seus campos cobertos de neve.

Mas o homem, este deve construir uma morada e esta é, sobretudo, o lugar da intimidade e do repouso, o lugar onde ele restaura as energias perdidas nas lutas do dia a dia.. Se levarmos em consideração a precocidade biológica da criancinha recém-nascida e o seu conseqüente estado de desamparo, pois ao nascer ela é o mais desamparado de todos os animais e se encontra na total impossibilidade de poder ajudar-se a si mesma, compreender-se-á que a psicanálise tenha feito da *fantasia do retorno ao útero materno*, uma das “fantasias originárias”(Urphantasien como as chamava Freud), que estão na base da estruturação e da organização de toda a nossa vida fantasmática, particularmente quando nos colocamos diante dos grandes enigmas da existência humana.

O homem, cada noite, retorna temporariamente ao aconchego desta “morada originária”, quando dorme e sonha. De fato, o sono é, provavelmente, o protótipo mais expressivo do útero, que todas as noites novamente nos acolhe. E esta volta

⁴ Cf. H. Pellegrino, (1988), p.317.

ao aconchego do silencioso útero da mãe-noite, nos faz viver, em todo amanhecer, a poesia de um verdadeiro renascer.

O *ethos*-morada é também um símbolo da realidade do mundo em que o homem se situa como um *ser-no-mundo*, estruturalmente constituído pelas categorias do corpo, da realidade psíquica e da realidade espiritual. Constituído pelo corpo, o homem não apenas *tem* um corpo como os demais animais, mas *é o seu corpo*. Pela sua mediação, ele se exterioriza e se situa no mundo como uma *realidade dada*, como um “ente” entre os demais. Todavia, pela sua estrutura psíquica, ele interioriza o mundo, no qual foi exteriorizado pelo corpo, e, mediante seus desejos, fantasias, conceitos e representações, torna o mundo uma *realidade significada*, construindo assim a realidade de seu mundo interior.

Na passagem do mundo exterior das coisas materiais - o *mundo da natureza* - para a *realidade significada* que é o *mundo da cultura*, abre-se o espaço, no qual vão se inscrever as normas, os ideais e o tesouro de inúmeras formas simbólicas, tais como: o saber, a arte, a religião, a ciência, a técnica, formas simbólicas estas que tornam o mundo-morada do homem um *mundo habitável*. Resumindo, o homem é o único animal que cria seu mundo-morada como um universo simbólico de normas e de ideais, e isto é justamente o que eu entendo por cultura.

Ethos e Cultura

Portanto, a dupla significação da palavra *ethos*, vale dizer, o *éthos*-costume e o *éthos*-morada, abre um espaço, no qual o ser humano, para tornar seu mundo mais habitável, cria as formas simbólicas, através das quais as “coisas materiais”, ou as realidades da natureza, são integradas ao sistema simbólico da cultura. A realidade material (*res*) transforma-se, então, em uma verdadeira “obra” cultural (*opus*). E quando as coisas da natureza transformam-se em obras humanas, a Natureza se faz Cultura, da qual o homem é, ao mesmo tempo, a causa e o efeito. Causa porque é ele quem transforma a Natureza em Cultura, e, ao mesmo tempo, efeito, porque todo homem é homem de seu tempo e traz as marcas da cultura em que se insere e da qual recebe as influências.

Pois bem, na medida em que o homem, como criador de símbolos, revela o significado dos objetos materiais que transforma em objetos de cultura, ele diz, ao mesmo tempo, *o que esses objetos são, o que significam e o que devem-ser para atingir sua finalidade no mundo simbólico da cultura*. Neste mundo, o indivíduo não encontra apenas o que precisa para sua sobrevivência, mas também descobre um sistema de normas e de valores de que precisa para sua realização, tanto individual quanto comunitária. Por isso, o *éthos* é co-extensivo à cultura e a cultura, por sua vez, adquire uma dimensão axiológica, vale dizer, uma dimensão ética e valorativa, que é constitutiva daquilo que a define como cultura. Esta a razão pela qual se diz que não existe cultura sem ética, da mesma forma que não pode existir ética sem cultura.

Do Éthos à Ciência do Éthos

Na Grécia antiga, o que possibilitou a passagem da ética tradicional, regida pelo respeito tradicional dos mitos e dos ritos sagrados, para a Ciência da Ética, regida pela “razão”, foi o trabalho de Sócrates, quando relacionou as máximas éticas tradicionais a uma visão mais profunda da *psyché* humana, vendo, nela, o princípio fundamental do ser e do agir do homem.

Se na Grécia Antiga, os homens não se sentiam responsáveis pelos seus próprios atos, porque viviam inteiramente submissos aos caprichos e ao destino estabelecido pelos deuses, com Sócrates, o homem passou a ter uma outra concepção de si e foi no interior de sua alma, que ele foi buscar as razões do seu viver. Para Sócrates, o importante, na vida, não era apenas o fato de viver, mas as razões pelas quais o homem vive. Daí porque todo seu filosofar teve como objetivo *cuidar da alma* dos homens seus concidadãos, a fim de torná-los melhores. Platão afirma que foi o deus Apolo quem confiou a Sócrates esta missão, fazendo dele um *terapeuta da alma humana*. Integrando à sua filosofia o “*conhece-te a ti mesmo*” do Oráculo de Delfos, ele preparou o terreno para Platão e Aristóteles estruturarem depois as bases metafísicas da ciência e da consciência ética.

Não seria este o momento oportuno para analisar como nasceu, desenvolveu-se e se estruturou a ciência da ética na tradição socrático-platônica e na tradição aristotélica. Direi apenas como a Ética, regida pela Razão prática, surgiu nas origens da cultura ocidental, dando início ao ciclo civilizatório no qual ainda hoje nos movemos.

A Razão Prática

O *Lógos*, ou a Razão, que substituiu o mito na explicação filosófica da ordem da Natureza, tornou-se também a Razão que rege e orienta a conduta dos homens. Se, como vimos, o *éthos-costume* já sustentava uma certa “constância no agir”, isto era feito precisamente porque o homem podia ser dirigido no seu agir pelos ditames de sua Razão. A Razão, que dirige o agir ético, é a *Razão prática*, que Aristóteles distinguiu tanto da *razão teórica*, destinada à representação dos conceitos e à contemplação da verdade, quanto da *razão poiética, ou técnica*, destinada a dirigir o trabalho produtivo do homem no campo do fazer. A razão teórica dirige o pensar, a razão prática o agir e a razão técnica o fazer do homem como ser no mundo. Enquanto a razão técnica destina-se ao aperfeiçoamento dos objetos, que o homem trabalha para transformá-los em obras humanas e inseri-las no universo simbólico da cultura, *a finalidade da razão prática é o auto-aperfeiçoamento do ser humano, mediante a consecução dos bens e dos valores, desde os materiais até os espirituais, nos quais se escondem as razões do viver e o sentido da vida.*

Para os gregos, a Razão prática tinha uma abertura metafísica para o horizonte universal do Bem, e isto fundamentava a prática ética no princípio ontológico que assim se enunciava: *o Bem deve ser feito – Bonum est faciendum.* Daí eles concluíam que há um *dever-ser* que é imanente à prática ética, que dá ao *éthos* uma valoração universal, a qual antecede e transcende a particularidade dos costumes das diversas culturas humanas em que ele se manifesta.

Em qualquer que seja a cultura, quaisquer que sejam seus costumes e hábitos, por mais diferentes que estes possam ser nos diferentes povos em que vigoram, esses hábitos e costumes só serão dignos de uma cultura verdadeiramente humana, se forem dirigidos por este princípio ontológico da prática ética: *Bonum est faciendum*, vale dizer, *o bem deve ser feito*.

Quando não perde de vista esta dimensão universal, o *éthos* ao se inscrever na particularidade das diversas culturas, ao invés de se fragmentar em valores particulares regidos unicamente pelos caprichos e interesses dos indivíduos, ele “suprassume” (no sentido da *Aufhebung* hegeliana), na sua particularidade cultural, o valor de seus princípios universais e temos, assim, a constituição do *sujeito ético*, que, embora seja particular na medida em que é inserido em uma cultura particular, nem por isso deixa de ser um sujeito de direitos e de deveres universais.

Nesta tendência ontológica da Razão prática para o Bem, estaria, pois, o segredo do valor ético universal da conduta humana, que embora perca esta universalidade ao se particularizar na variedade das diversas culturas, é ao mesmo tempo conservado, quando, no dinamismo de seu movimento dialético, “suprassume” (para continuar falando como Hegel) na singularidade do sujeito ético, tanto a particularidade da cultura em que se insere, quanto a universalidade de seus princípios.

Isso concretamente significa que as leis mudam e devem mudar através da História e os costumes, eles também, mudam e devem mudar nas diversas culturas e nas diversas épocas do devir histórico; mas, se as novas leis e os novos costumes deixarem de procurar *o Bem da comunidade humana*, a ética entrará em crise por maior que seja o progresso sócio-econômico das culturas particulares.

Para Aristóteles, o homem é essencialmente não só um animal racional, mas também um animal político (*Zóon politikón*). Isto quer dizer que, para os gregos, os homens não podiam encontrar uma verdadeira auto-realização sem levar em

consideração o bem estar da *pólis* ou da comunidade política a que pertenciam. Político era o homem que primordialmente pensava nos interesses e no bem da comunidade a que pertencia!

Não obstante tudo isso, a Grécia do século V a.C viveu, ela também, uma crise ética, que tem muitos traços semelhantes à crise ética que estamos vivendo atualmente.⁵ É esta crise ética de nossos dias, suas causas e conseqüências que passarei a analisar, em seguida, na segunda parte deste ensaio.⁶

SEGUNDA PARTE :

A CRISE ÉTICA DE NOSSOS DIAS : SUAS CAUSAS E CONSEQÜÊNCIAS

A noção de crise

A palavra crise está tão desgastada em nossa linguagem coloquial, que necessário se faz descrever, primeiro, o que entendemos por crise, ao nos referimos à crise ética de nossos dias. No sentido em que a entendemos aqui, a crise é um “processo histórico”, cujo cerne é a confrontação entre o que foi sedimentado no passado *como tradição* e o que alimenta as esperanças de uma nova maneira de ver o presente e de sonhar o futuro.⁷ Sempre haverá crise, quando a tradição se encontrar em conflito com o progresso, ou vive-versa. Assim sendo, a ética entra em crise quando as particularidades de seu *ethos* cultural e histórico não encontram mais uma justificação racional na tradição que as vinha sustentando e legitimando. Assim concebida, a crise é um processo que naturalmente acontece em todas as instituições, cujo dinamismo está sujeito às vicissitudes históricas. A crise não tem necessariamente um sentido negativo, pois, no seu dinamismo, pode significar não apenas o ocaso dos valores de uma determinada civilização, mas também a aurora de um novo tempo e de novos dias.

⁵ Cf. Z. Rocha, (1994) p. 236-243

⁶ [Retomo aqui noutro contexto algumas idéias trabalhadas em artigo anterior publicado sob o título: “O problema da violência e a crise ética de nossos dias” \(Rocha, 2001\).](#)

⁷ P. Ricoeur, (1987), p. 81-102

*Algumas das principais causas
da crise ética de nossos dias*

Acredito que as principais causas que motivaram e motivam a crise ética de nossos dias, encontram-se nas transformações estruturais que modificaram e vêm modificando completamente a *Weltanschauung* (visão de mundo) do homem ocidental, transformações estas ocorridas e situadas entre as ilusões da Modernidade e as desilusões da Pós-modernidade.⁸

Por ilusões da Modernidade, entendo aquelas criadas pela razão que se tornou o eixo do universo simbólico da era moderna e que dominou o Ocidente pós-renascentista, principalmente nos últimos séculos do milênio passado. Refiro-me à Razão técnico-científica, que substituiu a Razão clássica dos antigos e dos medievais.

A razão científica teve seu apogeu no Iluminismo, em que se consagrou como a “Razão esclarecida”, a qual decretou a maioria intelectual do homem, elaborando um projeto cultural, a fim de libertá-lo para sempre do poder dos deuses e das credices dos feiticeiros. Para tanto, dois caminhos mais importantes foram abertos: primeiramente, a dessacralização da Natureza, ou para dizê-lo com as palavras de Max Weber, o desencantamento do Mundo (*Die Entzäuberung der Welt*), e, em segundo lugar, uma nova ordem de realidade intrinsecamente lógica porque estruturalmente regida pelas ciências físicas e matemáticas. Esta nova ordem de realidade substituiu a antiga *Physis* da filosofia clássica e o que a define é que ela “ é estruturalmente matemática, dotada de uma inteligibilidade operacional e, como tal, referida ao fazer técnico do homem.”⁹

Dessacralizada, a natureza deixou de ser vista como o grande poema de Deus e passou a ser objeto de um trabalho de transformação feito pelo homem. Os antigos e os primitivos recorriam aos mitos e aos ritos mágicos para tranquilizar e apaziguar o furor da natureza, tanto mais ameaçadora, quanto mais enigmática e

⁸ Z. Rocha (1994b).

⁹ H. de L. Vaz (1988), 194.

desconhecida. A razão moderna desmistifica esta ameaça, na medida em que conhece a natureza com o objetivo de dominá-la, pois esta é a divisa da razão esclarecida: *saber para poder, poder para dominar*. E a técnica tornou-se a essência deste novo saber. Por sua vez, a nova ordem do saber e do fazer técnico revela o homem como o doador de sentido de tudo o que existe.

No mundo da Modernidade, a razão técnica passou não só a determinar seus objetos, ela também se deu a tarefa de determinar seus fins e seus valores. O homem moderno sentia-se mais orgulhoso por causa desta auto-determinação ética, do que propriamente em dominar o mundo. Transformador do mundo, ele queria ser também o criador de si mesmo, dos seus fins e dos seus valores. Assim fazendo, ele apoderou-se, sob a égide da Razão técnica, daqueles atributos que os antigos e os medievais reservaram exclusivamente para Deus, na qualidade de Ser Absoluto.

Mas o projeto de dominação da natureza e de libertação do homem que a Modernidade elaborou, terminou voltando-se contra o próprio homem e degradando a razão àquilo que Habermas chamou de “razão instrumental”, a grande responsável pelas incongruências da nossa *industria cultural*.

Nesta indústria cultural são criadas continuamente condições cada vez mais favoráveis para a alienação não só do trabalho humano, mas também da produção. Implanta-se um comércio fraudulento, no qual os consumidores são enganados em relação aos bens que lhes são oferecidos. Suscita-se pelos meios de comunicação e pelo poder de sedução da mídia, cujo fascínio torna-se irresistível, o desejo de comprar cada vez mais. No entanto, o objetivo da ideologia consumista é que este desejo nunca seja satisfeito. Criando necessidades e suscitando desejos que não devem ser satisfeitos, a indústria cultural organiza-se para que o homem consumidor compreenda que nada mais é do que um simples consumidor e, enquanto tal, igualmente manipulado e dirigido pela indústria cultural.

O progresso transformou, sem dúvida, o mundo, fez verdadeiros milagres e nos proporcionou uma comodidade de vida, na qual nossos avós jamais teriam podido sequer imaginar. Mas este progresso terminou voltando-se contra o próprio homem e, ao desrespeito do homem, foi acrescentado também um desrespeito ao meio ambiente, onde o homem constrói sua morada.

E como não poderia deixar de ser, daí seguiu-se uma desestabilização da vida social, que se manifesta no rosário de ameaças, que pairam e pesam sobre todos nós : escassez de reservas naturais, poluição do meio ambiente, destruição e desmatamento criminosos de nossas florestas nativas, efeito estufa, buraco na camada de ozônio que ameaça tornar insuportável a vida sobre a terra, mudanças climáticas surpreendentes nas diversas partes do globo, desemprego generalizado, interesses individuais colocados acima do Bem Comum, interesses partidários ostensivamente postos acima do bem do país, o que põe em risco a sua governabilidade, e assim por diante. Não é preciso ser profeta para ver que a atual sociedade, transformada pela razão técnica, está ameaçada de destruição.¹⁰

Todavia, o que mais desejo salientar é que a razão técnica foi para nós causa de uma tremenda desilusão. A Modernidade creditou-lhe uma confiança ilimitada, que se traduziu na esperança de um progresso sem limites, na crença em verdades absolutas, em sistemas filosóficos totalizantes e em ideologias salvadoras, pelas quais tantos sacrificaram suas vidas, vendo nelas o sentido mesmo da História. Mas esta confiança conheceu a dor de uma tremenda desilusão. Rasgaram-se as bandeiras dos ideais, os grandes sistemas unitários e totalitários esfacelaram-se. As utopias que alimentaram a chama de tantos ideais tornaram-se tremendos pesadelos. Não alimentamos mais utopias de um futuro diferente. No momento em que o homem moderno, com o extraordinário poder da ciência e da técnica pode decidir que não haja mais futuro para a humanidade, o futuro deixou de representar, para muitos, uma mensagem de esperança e se tornou uma ameaça de destruição. Já se disse que nossos jovens vivem hoje na tremenda insegurança de poder não ter um futuro.¹¹

¹⁰ H. Küng, H., (1992).

¹¹ H. Arendt (1994), p. 22

Com isto não estou querendo fazer a apologia do pessimismo. Digo apenas que a razão instrumental, na qual o homem moderno tanto confiou, vem se revelando causa de profundas decepções e desilusões. Mas isto não me leva a desacreditar da razão. Sou do número daqueles que, como Heráclito de Éfeso, acreditam que: *“por mais que percorramos todos os caminhos, jamais alcançaremos os limites de nossa alma, pois ela possui um lógos muito profundo.”*¹². Quem tem que se sentar no banco dos réus não é a razão humana, como vem sendo exigido por alguns críticos contemporâneos ultra-radicais.

Poder-se-ia até pensar que é a razão técnica e instrumental que deveria ser julgada. Uma vez que foi ela que legitimou e vem legitimando este estado de coisas, depois que o homem moderno a colocou no centro de seu universo simbólico, é ela que precisaria responder à questão de sua legitimidade, pois é a ela que são atribuídas as conseqüências da crise ética de nossos dias.

E, no entanto, quem deve sentar-se no banco dos réus não é também a razão técnica, porquanto ela também é uma manifestação do *Lógos* e, enquanto tal, poderia e deveria estar a serviço do homem. Embora na indústria cultural, a tecnociência venha cada vez mais se desumanizando, a técnica, em sua natureza mais profunda, não é desumana.

Aqui o exemplo dos gregos poderia ser útil, porquanto eles tinham uma visão profundamente humana da técnica. Através da técnica, eles buscavam o melhor que podia ser feito. Por isso, não dissociavam técnica e valor, técnica e virtude. Através da técnica visava-se o melhor do objeto. A finalidade da técnica era tornar o objeto mais valioso. E isto era também válido no plano da *pólis* - donde o conceito de uma “técnica política”, cujo objetivo era o bem da Cidade.

Portanto, quem deve sentar-se no banco dos réus não é a razão técnica, mas a razão que se colocou a serviço da desrazão, pervertendo-se como razão. E a razão

¹² Cf. H. Diels (1957) p.26.

perverte-se como razão quando se coloca a serviço do poder arbitrário da tirania e da mentira. A serviço da mentira, ela não se cansa de fabricar racionalizações para justificar o injustificável e a serviço do poder, ela facilmente degenera em ideologias de terror e destruição. A serviço da mentira ou do poder, a razão se perverte e uma vez pervertida seu destino é o desespero.

*As conseqüências
da crise ética de nossos dias*

Na impossibilidade de fazer, aqui, uma análise detalhada das conseqüências da crise ética de nossos dias, vou me restringir apenas à *cultura da violência* e ao modo como ela vem marcando o espírito de nosso tempo. Inegavelmente valores essenciais estão desaparecendo do nosso universo simbólico, para que o mundo em que vivemos, venha se tornando cada vez mais violento e a violência se alastre em todos os setores da vida social: nas famílias (filhos planejam friamente o assassinato de seus pais), nas escolas (adolescentes matam seus professores e colegas), nos campos (agricultores e camponeses agridem-se e se matam) e nas cidades (os assaltos, seqüestros e crimes são tão freqüentes e corriqueiros que já estamos nos habituando a olhá-los, para dizê-lo com Hannah Arendt, como uma verdadeira “banalização do mal”).

Mas, no contexto de tudo o que venho dizendo, eu seria inclinado a pensar que o mundo está se tornando cada vez mais violento, porque os homens, em grande número, estão sendo, cada vez mais, habitados pelo *nada*. Com isto quero dizer que a violência que hoje nos ameaça, é a conseqüência de um *niilismo ético* que domina o espírito de nosso tempo.

Ninguém melhor do que o filósofo Nietzsche poderia dizer-nos o que se deve entender por niilismo. Nos *Fragmentos Póstumos*, escreve ele: “*Descrevo o que virá: o advento do niilismo. E o que significa o niilismo? Significa que os valores*

supremos se desvalorizaram.”¹³. Portanto, niilismo é uma ausência de fins e de respostas aos porquês que levantam a questão do sentido da vida. Ora sem fins e sem respostas aos porquês fundamentais da existência, não existe ética.

É verdade que Nietzsche assim procede porque está convencido de que a única e verdadeira ética é aquela que diz sim à vida. Para ele, a ética cristã, fundamentada nos valores metafísicos da visão platônica do mundo, era uma ética de fracos e de escravos, precisamente porque não dizia sim à vida. Como quer que seja, submeter a razão moderna, como fez Nietzsche, à uma crítica tão radical, é praticamente condená-la ao suicídio, cujas conseqüências terminam abrindo os caminhos do pessimismo e do desespero.

Portanto, a violência que tanto cresce em nossos dias é a conseqüência de uma visão de mundo, na qual, tendo sido descartada a fundamentação última dos valores éticos e políticos que asseguravam a primazia do ser, teve lugar de destaque o poder econômico, representando *a primazia do ter sobre o ser*. Infelizmente, os que detêm este poder econômico, cada vez mais se tornam indiferentes à sorte dos infelizes e de todos aqueles que as injustiças sociais marginalizaram de nossa vida social.

Pois bem, esses infelizes marginalizados, vítimas das injustiças, terminam apelando para a violência, para poderem suportar o presente, porque, para eles, perspectivas de futuro não existem. Na cultura da violência, o futuro não existe, ou é representado sob a forma da ameaça e da destruição. Ora, quando não se tem perspectiva de futuro, resta apenas o lugar do desespero, e no desespero tudo se aposta e nada se teme, uma vez que nada se tem a perder. Os sofrimentos e as privações só são suportáveis, quando a esperança de um amanhã melhor sustenta a capacidade de resistência dos que lutam por uma melhor qualidade de vida.

E teríamos aqui, em uma perspectiva sócio-política, uma outra dimensão da violência, como conseqüência da crise ética de nosso tempo. Trata-se daquilo que

¹³ Cf. Nietzsche, apud G. Reale, (1995) p. 13.

Jurandir Freire Costa denominou a visão que as elites da sociedade brasileira têm de seu destino sócio-individual, particularmente no que concerne seu alheamento em relação aos outros mais carentes e mais infelizes.

Mais do que uma atitude de rivalidade e de ódio, o alheamento é uma atitude de distanciamento, *na qual o outro é desqualificado como um sujeito ético*. Desqualificar moralmente o outro é não vê-lo como uma pessoa, capaz de participar ativamente na construção da vida social. Desqualificado neste seu papel social, o outro é quase inteiramente anulado em sua humanidade.

Sem sentir mais necessidade de ver os pobres e infelizes como adversários, as elites simplesmente os desqualificam como sujeitos morais. E tudo isso como se fosse uma evidência que não precisa ser justificada. Jurandir Freire Costa mais uma vez adverte: “No estado de alheamento o agente da violência não tem consciência da qualidade violenta de seus atos”.¹⁴ Não é de admirar que diante de semelhante recusa de uma transformação social, na qual todos sejam considerados como sujeitos éticos, os desprotegidos tenham também se tornado indiferentes à vida das elites. Diante desses impasses da violência, mais do que nunca se faz necessária uma transformação da vida social, na qual os sujeitos se respeitem mutuamente como sujeitos éticos

À GUIA DE UMA CONCLUSÃO

É hora de concluir, e no momento de fazê-lo, recordo que, ao iniciar o ensaio, anunciei que, no término, tentaria mostrar de que modo a crise que nos domina não é necessariamente uma crise de desespero, pois estamos vivendo um momento histórico de desafio e de esperança. Sendo o ser humano, na sua realidade ontológica, um ser capaz de pensar e de colocar a questão do ser e a questão do modo de seu agir, segue-se que nenhum mundo histórico em que ele se situa, por mais crítico que possa ser, seja capaz de poder determiná-lo definitivamente. Ele não está preso a nenhum momento histórico e deve, por

¹⁴ Cf. J.F. Costa, (1997), p.13.

consequente, estar pronto a assumir os desafios de superação diante dos obstáculos que a vida e a história lhe oferecem.¹⁵

Em nossa realidade histórica, já existem fatos que podem ajudar-nos a sustentar esta atitude de esperança. Entre esses, eu lembraria a “consciência ecológica”, que vem se impondo, nacional e internacionalmente, como absolutamente necessária para que possamos salvar o nosso planeta. Foi preciso que chegássemos ao extremo de deterioração do nosso meio ambiente, foi preciso que os físicos e os cientistas nos advertissem seriamente do risco que estávamos e estamos correndo, para que esta consciência ecológica despertasse em nós e paulatinamente fosse conquistando a simpatia universal.

Eu me pergunto se o mesmo não poderá acontecer com *a consciência moral*, que é o cerne da vida ética. Como o disse muito bem Paulo Meneses:

“Assim como pelos excessos da poluição, o risco da sobrevivência da espécie fez as pessoas se conscientizarem da necessidade vital de luta pela defesa do meio ambiente, também se pode esperar que o próprio absurdo do esquecimento da ética venha a suscitar um despertar do sentido ético ainda mais vigoroso e radical do que todos os movimentos ecológicos. Pois o perigo que traz o esquecimento da ética é maior do que o da poluição ambiental, já que põe em questão a convivência humana civilizada.”¹⁶

Na noite da crise em que estamos mergulhados, existem vislumbres que anunciam a aurora de melhores dias. São estes vislumbres que sustentam nossa atitude de esperança. E esperar é andar abrindo caminhos com os nossos próprios passos. Nem sempre esse caminhar é fácil. A esperança é a virtude dos tempos difíceis. Na realidade, esperar não é fácil, mas é preciso. Quando se espera, acredita-se na vitória mesmo quando a luta parece perdida. O desafio é esperar e, se necessário, mesmo contra a esperança. Quem isto consegue cria um espaço interior de

¹⁵ Cf. M. A. De Oliveira, (2001).

¹⁶ P. Meneses, (2001) p.38.

confiança na vida, um horizonte de esperança, no qual, quando menos se espera, o inesperado acontece.

Pois bem, se formos capazes de repensar um novo *ethos* para nossa civilização, a crise ética pode também significar uma crise de esperança. E a esperança é mais do que esperar que algo de bom aconteça, que um futuro melhor se descortine; esperar é caminhar e caminhar na direção dos sonhos e dos ideais. Pouco importa que nem sempre eles sejam atingíveis, pois, como disse o poeta:

“ que tristes os caminhos, se não fora a presença das estrelas distantes”! ¹⁷

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arendt, H., (1994). *Sobre a Violência*. [Tradução e Ensaio crítico de André Duarte]. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

Costa, J. F. (1997). A Ética democrática e seus inimigos. O lado privado da violência pública.” In Frei Betto, Bbaba, E., e Costa, F. F., *Ética*. Rio de Janeiro / Brasília : Garamond / Codeplan.

_____ (1988). Narcisismo em tempos sombrios. In Birman, J., (org.) *Percursos na História da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Ed. Taurus.

_____ (1995). A razão cínica. In Costa, J.F., *A Ética e o espelho da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco.

De Oliveira, M. A., (2001). *Desafios éticos da Globalização*. São Paulo: Paulinas.

Heráclito de Éfeso, *Fragmentos*. In Diels, H., (1957) *Die Fragmente der Vorsokratiker*. Hamburg: Rowohlt.

Küng, H., (1992). *Projekt Weltethos*. [Tradução brasileira de Haroldo Reimer]. São Paulo: Edições Paulinas.

Meneses, P. (2001), *Ética e Cultura*. In Meneses, P., *Universidade e Diversidade*. Recife: FASA.

Pellegrino, H., (1988) Édipo e a Paixão . In Novaes, A. (Org.). *Os Sentidos da Paixão*. São Paulo: Companhia das Letras.

¹⁷ M. Quintana, (1999), p.36.

Perine, M., (1992). A Modernidade e sua crise. In *Síntese. Nova Fase*. Volume 19, num. 57, p.165.

Reale, G., (1995). *Sagezza Antica. Terapia per i mali del 'uomo d'oggi*. Milano: Raffaello Cortina. Tradução brasileira (1999). *O saber dos antigos. Terapia para os tempos atuais*. São Paulo: Edições Loyola.

Ricoeur, P., (1987). La crise come fonemeno della Modernitá. In *Il Nuovo Areópago*. Ano VI, n. 3, p. 81-102

Rocha, Z. (1994) *A morte de Sócrates. Uma mensagem para nosso tempo*. Recife: Edição Universitária.

_____ (1994b) A Ética entre as ilusões da Modernidade e as desilusões da Pós-Modernidade. In Rocha, Z. (1994) *A morte de sócrates. Uma mensagem para nosso tempo*. Recife: Ed. Universitária.

Vaz, H. C. de L., (1988). *Escritos Filosóficos II - Ética e Cultura*. São Paulo: Edições Loyola.

_____ (1997) *Escritos de Filosofia -III. Filosofia e Cultura*. São Paulo: Edições Loyola.

_____ (1999). *Escritos de Filosofia IV - Introdução à Ética Filosófica - I*. São Paulo: Edições Loyola.

_____ (2000). *Escritos de Filosofia -V - Introdução à Ética Filosófica- 2*. São Paulo: Edições Loyola..

